

Salvação para todas as pessoas: relativismo cristológico dentro de uma visão salvífica

Anderson Magno Nascimento da Silva*

RESUMO

Esta pesquisa buscou identificar os alicerces básicos de uma cristologia que possa apresentar uma visão sobre a salvação que tenha uma perspectiva ampla e ecumênica. Trata-se de uma visão mais universal da salvação, estendida para todas as pessoas, sem as restrições comuns presentes no campo religioso, que associam a salvação à determinada religião.

Palavras-chave: Salvação; ecumenismo; cristologia

ABSTRACT

This essay strives to identify basic foundations for a Christology able to present a broad and ecumenical perspective of salvation. That implies more of a Universalist view of salvation, extended to all people, without the common restrictions present within the religious field, which associate salvation with a certain type of religion.

Keywords: Salvation, Ecumenism, Christology.

* Estudante quarto ano matutino. E-mail: anderson.magnoseminarista@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O tema ecumenismo, nos dias atuais, chama atenção pelo fato de resgatar o imaginário e a pesquisa na tradição cristã sobre o diálogo de Jesus com outras religiões do seu tempo. Reconheço que este tema de diálogo dentro e fora do nosso contexto religioso e, principalmente, acadêmico é complexo ao entendimento. Pois, percebi através de estudos e conversas que não estamos preparados para dialogar e entender esse assunto dentro das nossas faculdades de teologia, espaços de ensinamentos religiosos e doutrinários. Entendo que essa falta de diálogo ocorre mais pela falta de entendimento desse assunto. Uma vez que dentro das igrejas existem poucos espaços para comentar e conversar sobre o tema, sobre a religião do outro/a, sobre doutrinas, diálogo e principalmente salvação.

Percebemos que Jesus conhecia as outras religiões da sua época e também a sua, que era o Judaísmo. Dentro desse conceito, percebo que Jesus era capaz de perceber as atitudes e os ensinamentos desses religiosos da época. Pastores, pastoras, padres e outros líderes religiosos que hoje não estão preparados para ensinar ou pelo menos comentar sobre tal assunto, pois acham melhor cortar laços com outras religiões do que perceber que talvez o diálogo constante possa mudar as nossas visões sobre as diferentes religiões.

O tema do diálogo religioso também surgiu para mim através de comentários desrespeitosos contra as outras religiões que tenho observado nas igrejas e setores acadêmicos teológicos.

Relembrando-me de dois encontros significativos que foi “A Semana Wesleyana de 2010” e “O encontro Afro de 2011 e 2012” ambas na Faculdade de Teologia da Universidade Metodista de São Paulo.

A primeira quando uma estudante que é praticante do budismo foi ler a Bíblia para os protestantes e católicos que estavam ali presentes. Ela foi agredida verbalmente em público por um pequeno grupo e criticada por não acreditar em Deus.

Pois segundo seus agressores, ela não poderia ler a Bíblia, pois é a Palavra de Deus. E ela, sendo praticante do budismo, ou seja, uma crença que não tem Deus como centro da sua fé e crença. Isso era inaceitável a prática da leitura de um púlpito cristão e principalmente em uma faculdade de teologia protestante.

A segunda foi quando numa conversa de mais ou menos uma hora e meia, com um rapaz “Filho de Oxossi”, já que é assim que ele se identifica para as pessoas. Ele me explicou o seguinte: “Os nossos ancestrais (povos africanos) não conheceram os deuses brancos...”. Isso causou um impacto em mim, pois me foi ensinado, ao longo da educação confessional, que Deus é branco, Jesus é branco dos olhos azuis é Espírito Santo é branco. Portanto o negro não refletia a imagem de Deus e, além disso, a religiosidade e as crenças afro-brasileiras se tratavam de consagrações aos demônios e às entidades pagãs.

Essas experiências levaram-me a diversas questões sobre a fé e a salvação. Por conta disso, percebi que, de fato, não é a correto associar a imagem de Deus à etnia branca (conforme fui a convencido a crer) ou quaisquer outras etnias. O diálogo com esse irmão do candomblé e a falta de respeito com a irmã do budismo, estudante de teologia nesta casa, me fez refletir essa falta de entendimento e conhecimento teológicos de outras religiões e fui impulsionado a escrever sobre esse assunto, até mesmo para tirar dúvidas pessoais sobre esse tema. “Diálogo Religioso” e “Salvação para aqueles/as que não são cristãos/ãs”. Ou seja, principalmente para aquelas pessoas que não fazem parte do nosso “grupo religioso”.

Estas experiências fizeram crescer dentro de mim o interesse e a curiosidade pelo tema abordado nessa pesquisa. Tentar achar uma resposta para minhas dúvidas íntimas e também teológicas tornou-se a razão de ser do meu trabalho de conclusão de curso e de inicial científica. Com isso, poderei dialogar melhor com as pessoas e também dentro e fora das igrejas.

UMA VISÃO PANORÂMICA DO PLURALISMO RELIGIOSO.

O diálogo inter-religioso, praticado como ato primeiro, em vista de uma teologia do pluralismo religioso, deverá ter em conta este delicado e evangélico equilíbrio: a pretensão da singularidade cristã e o reconhecimento da dignidade das outras religiões.¹

¹ FELLER, Vitor Galdino. *O sentido da salvação: Jesus e as religiões*. São Paulo: Paulus, 2005. 217 p.

Isto é, faz-se necessário entender como as outras religiões entendem e falam sobre o assunto da salvação e da pluralidade religiosa.

Uma vez que nós protestantes entendemos e ficamos bloqueados segundo o autor Paul F. Knitter que comenta o seguinte: que pela insistência da Reforma sobre “*Solo fide*” (somente pela fé) por “*Solo Cristo*” ([Salvação] somente por Cristo)...².

Baseamos completamente nesta experiência da Reforma e praticamo-la de tal forma que não conseguimos “nem pensar” numa outra solução para a “salvação” que não seja o caminho do cristianismo. Com isso o diálogo inter-religioso não se pauta pelo mesmo critério comum à crença (eclesiástica) em Jesus Cristo. Que anima o ecumenismo confessional, mas há um critério ético que irmana, ou seja, tornar-se semelhante, igual, irmão/ã; unir-se, emparelhar-se, ligar-se.³ As distintas tradições religiosas precisam caminhar em direção a um trabalho partilhado, em favor de uma nova solidariedade e hospitalidade entre os seres humanos e o cuidado com a Terra.⁴ Esse diálogo é fundamental, pois leva a cada um/a de nós a pensar na prática religiosa comum e também na teologia com o próximo.

Outro autor que trata do tema sobre a exclusão religiosa é Inderjit Bhogal que é pastor e teólogo Metodista. De origem indiana, da religião Sikh, naturalizou-se britânico. Foi presidente da Igreja Metodista na Grã-Bretanha no período de 2000 a 2001⁵ onde ele afirma:

A minha visão de Igreja e de comunidade retrata a mesa e o banquete de Deus que tem lugar para todas as pessoas, de todas as nações, de todas as idades. O respeito de Deus e o abraço de Deus desejam vida para todos/as. O egoísmo humano cria estratégias destrutivas que reservam posição a uns/umas poucos/as escolhidos/as à mesa e colocam o restante embaixo dela para comer as migalhas que caem ou que são jogadas para eles/as. Em Jesus, Deus nos mostra caminhos para por

² KNITTER, Paul F. *Jesus e os outros nomes: missão cristã e responsabilidade global*. Tradução de Leszek Lech. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2010. p. 26.

³ Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa, versão 2.0a – Abril de 2007.

⁴ TEIXEIRA, Faustino. *Ecumenismo e diálogo inter-religioso: a arte do possível*. Edição de Avelino Grassi, Márcio Fabri dos Anjos. Aparecida: Santuário, 2008. p. 15.

⁵ Disponível em: < <http://www.metodista.br> >. Acesso em 11 de Abril de 2013.

fim a essas estratégias, de forma que todos/as possam sentar e comer juntos/as na mesa para todos/as.⁶

O pano de fundo dessa imagem é a convicção de que Deus deseja vida abundante para todos/as. Diferentemente, o egoísmo humano cria estratégias destrutivas que dão privilégio de lugar à mesa a uns poucos escolhidos e coloca o “resto” debaixo dela para comer as migalhas que caem no chão.

Com isso, em perspectiva ecumênica, vamos procurar entender uma cristologia onde o “centro” é a salvação de todos e todas. Como já citado nesta pesquisa independentemente de fé e crença. O que Teixeira utiliza dizendo que: “a pluralidade dos caminhos que levam a Deus continua sendo um mistério que nos escapa”.⁷

Nesta obra, ele tenta nos mostrar que o pluralismo religioso e missão tem a ver com o tema “Cristãos em diálogo com homens e mulheres de outras fés”.

Pois, a base mais importante desse movimento é o diálogo. Pois, percebemos que se não for pelo caminho do dialogo qualquer esforço para unir as pessoas de diferentes credos e fés é completamente difícil.

Nesta caminhada tão difícil de entender, temos que caminhar junto com outros/as irmãos e irmãs que confessam outras crenças e fé religiosa não só no nosso país, mas em todo o mundo.

Quando pensamos em diálogo, percebemos que estamos dando uma oportunidade, ou seja, uma abertura para entender como que o/a outro/a enxerga a sua existência e a sua capacidade de viver com outras pessoas que não pensam e agem da mesma forma.

Não como forma de trazer o/a outro/a confessar a mesma fé ou seguir a minha religião alheia. Mas de observar o agir de Deus e principalmente ver em seus atos a atitude de Jesus Cristo que todo tempo falou e divulgou o Reino de Deus e a Sua Justiça para o próximo.

Jesus foi um grande exemplo de tolerância religiosa que tivemos no mundo. Mesmo reconhecendo que, Ele não concordava com todas

⁶ Idem.

⁷ TEIXEIRA, Faustino. *Ecumenismo e diálogo inter-religioso: a arte do possível*. Edição de Avelino Grassi, Márcio Fabri dos Anjos. Aparecida: Santuário, 2008. p. 16.

as praticas e ensinamentos, mas, conseguia enxergar em pequenas ou grandes ações, atos de amor e compromisso com o próximo.

Jesus não tinha medo de se aproximar e principalmente em dialogar com outras culturas, crenças e religiosidades.

O que, podemos observar nos seguintes relatos bíblicos:

Jesus, porém, admoestou os discípulos que se vangloriavam de ter repreendido a um homem que curava e ensina em Seu nome sem O seguir, afirmando: “Não o impeçais, pois quem não é *contra nós*, é *por nós*”. (Lucas 9. 50). São as propostas pacifistas e fraternais bem como os princípios de respeito, diálogo e compaixão pelo próximo que caracterizam as religiões de natureza transcendental, voltadas para a educação moral do homem, tornando - o melhor. Extraordinárias lições de respeito e tolerância ainda nos daria Jesus em outras passagens como ao ser procurado por um centurião de César que intercedia em favor da cura de um servo, afirmando que bastaria uma palavra de ordem Sua para que seu criado ficasse curado, Jesus exclama admirado: “Afirmo-vos que nem mesmo em Israel achei fé como esta”. (Lucas 7. 9). E o servo do centurião foi curado. Informa-nos ainda o evangelho de Lucas que este centurião era amigo do povo judeu e tinha edificado a sinagoga. Em outra oportunidade, na região da Samaria, Jesus dirige-se à mulher no Poço de Jacó, entabulando uma conversação que revela a existência do preconceito por parte dela que dizia o seguinte: “como, sendo tu judeu, pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana?”. (João 4. 9). E a amorosidade de Jesus que lhe oferece a “água viva”, que dessedenta para sempre (João 4.10). Culmina a atitude tolerante e respeitosa do Nazareno para com as diferenças culturais e religiosas quando escolhe um samaritano para se converter no símbolo da solidariedade, por excelência. Ao narrar a parábola conhecida “do Bom Samaritano”.⁸

Deixando assim, uma curiosidade e atenção sobre o “*tema salvação*”. O ato de dialogar com outras crenças que não sejam cristãs, é a parte principal do nosso compromisso com o Reino de Deus. Visto que, conversar com aqueles/as que confessam a mesma fé é muito fácil na sua grande maioria (lógico).

⁸ Disponível em: < <http://sandraborbapereira.blogspot.com.br> >. Acesso em 27 de Fevereiro de 2013.

Uma vez que, vale a pena lembrar que, dentro de uma crença religiosa, também existem aqueles/as que pensam, enxergam ou agem diferentes de nós. Visto que, não concordam que possa haver salvação fora da igreja cristã. Desconsiderando assim, o estilo de vida e o local onde essas pessoas possam morar.

Voltando ao assunto, temos que quebrar um conceito ou um pré-conceito, que a maioria de nós não observamos é o seguinte: Deus pode se fazer presente ou estar em determinada religião. Esse é o desafio maior para os cristãos de todo o mundo hoje. Através de textos e pesquisas feitas e principalmente observando o comportamento das pessoas umas para com as outras. Uma vez que, podemos entender que pessoas que pensam assim, tem mesmo adversidades e dificuldade de entender o/a outro/a que pensa diferente dele/a. Vale a pena observar que os significados da palavra sincretismo são:

Sincretismo [do grego *sygkretismós*] - 1. Reunião de ideais ou de teses de origens disparatadas. 2. Mistura de doutrinas ou concepções heterogêneas. Reunião artificial de ideais ou de teses de origens disparatadas, ou visão de conjunto confusa de uma totalidade complexa.⁹

Hoje conforme a nossa pesquisa, entendemos que hoje não tem religião natural, ou seja, nenhuma é na sua forma atual original.

Como muitas pessoas pensam, e isso envolve especialmente a Igreja Católica que:

No Concílio do Vaticano II alerta contra “toda espécie de sincretismo e de falso particularismo” (*Ad Gentes*, 22/924). A opinião católica imponente afirma: “O Cristianismo, por ser religião revelada, não é sincrético” (Leonardo Boff).¹⁰

Não é um movimento que quer convencer as pessoas a fazerem parte de um ou do outro movimento. Mas, simplesmente enxergar

⁹ Disponível em: < <http://www.crisa.vet.br> >. Acesso em 15 de maio de 2013.

¹⁰ BORTOLLETO FILHO, Fernando (Org.). *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008.p. 930.

o/a outro/a como meu semelhante que segue um caminho religioso diferente do meu. Ou seja, pensam diferente de mim. Portanto já diz um ditado popular para quem não gosta de discutir religião o seguinte: *“Quando a religião do outro não te incomoda, na verdade, ela não pode de causar nenhum mal”*.

E é esse o mal que devemos quebrar na nossa vida. Os demônios, práticas ruins, os ensinamentos oblíquos e “atravessados” estão sempre na crença ou na prática do outro/a, nunca na nossa crença e religiosidade. Como cristãos/ãs temos que procurar sempre dar um bom testemunho de vida e missão para o Reino de Deus.

Porque, aquilo que não conseguimos juntar, na verdade espalhamos e depois para juntar é difícil, ou seja, complicado e complexo. Porquanto, tudo que observamos nas religiões dos outros, que não esteja de acordo com aquilo que pensamos ou praticamos, nos impedem de aproximar e caminhar junto para um mundo de paz e diálogo com as outras religiões.

Sendo assim, algumas perguntas ficam para nossa reflexão pessoal:

- E Jesus onde está?
- Como viveria e reagiria Jesus diante dessas religiões de hoje?

Já que vidas estão sendo perdidas por todo o mundo pelo falso e complicado testemunho dos religiosos, principalmente no âmbito do cristianismo. Que tentam mostrar que o cristianismo é a que agrada a Deus e tentam demonizar as outras religiões e crenças sempre que podem na sua forma de evangelizar e de ensinar também.

E é por essas e outras, que estamos vendo e observando que existem várias pessoas que aceitam “Jesus”, mas, não aceitam os “amigos de Jesus”. Já que o diálogo inter-religioso é um esforço entre homens e mulheres que acreditam e lutam para um bom diálogo.

Essas pessoas não tem medo de estar junto e aprender que, no ministério de Jesus os planos d’Ele eram e são em prol do Reino de Deus, que é a salvação para todos e todas, entendendo que *homens e mulheres tentam chegar a Deus, mas escolhendo caminhos e filosofias de vida diferente*.

Se Jesus morreu por todos os pecados, creio que Ele também morreu por todos aqueles e aquelas que também o negaram, aqueles e aquelas que não o conheceram e nunca ouviram falar em Seu nome.

E também os que não fizeram d'Ele o seu caminho de vida e caminho de salvação. Digo isso por quê?

Existem e existiram pessoas que entenderam que Jesus foi um grande homem aqui na terra, foi um líder, um profeta, um ajudador dos pobres, isto é, dos menos adequados e partidários das sociedades da sua época. E também, porque Jesus mudou a atitude das pessoas através do Seu comportamento e pela Sua atitude diante do/a diferente.

E soube dar um testemunho, de um Homem que conhecia os planos *de Deus*. Jesus na verdade procurou viver debaixo desses princípios que são:

Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força. O segundo é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que estes.¹¹

UMA VISÃO SOBRE O PLURALISMO RELIGIOSO

A palavra *pluralismo* é muito complexa no meio protestante brasileiro. Uma realidade de difícil compreensão e de aceitação. Mesmo percebendo que a prática do pluralismo religioso já é desenvolvida há muito tempo no Brasil, por meio das diversas que aqui se encontram devido à forma e à cultura dos nossos colonizadores e exemplo claro é quando os Portugueses e Espanhóis trouxeram suas práticas e doutrinas religiosas Católicas para cá.

Juntamente com os escravos/as trazidos/as da África com as suas crenças e religiosidades. Também não podemos esquecer-nos da cultura indígena que aqui já existia e povoava a terra que os portugueses tomaram deles.

Ou seja, a nova colônia já era toda, em sua forma original, *pluralista* por assim dizer e cada um já tinha uma ideia de “salvação” tanto os católicos, como os africanos, protestantes e também os índios locais.

Portanto o *pluralismo* pode ser definido da seguinte forma:

¹¹ Sociedade Bíblica do Brasil. 2003; 2005. *Almeida Revista e Atualizada - Com Números de Strong*. Sociedade Bíblica do Brasil

Pensamento, doutrina ou conjunto de ideias segundo as quais os sistemas políticos, sociais, culturais e também religiosos podem ser interpretados como o resultado de uma multiplicidade de fatores ou concebidos como integrados por uma pluralidade de grupos autônomos. De tal modo é um sistema que admite a existência, no seio de um grupo organizado, de opiniões políticas e religiosas e de comportamentos culturais e sociais diversos; a coexistência destas correntes *pluralista*, ou seja, fato de existir em grande quantidade, de não ser único; multiplicidade, diversidade.¹²

Venho de uma herança Metodista e percebi que éramos abertos ao acreditar no diálogo inter-religioso, respeitando cada um/a das pessoas que vivem e praticam atos ou religiosidades diferentes da nossa. E hoje percebo que, pela falta de entendimento e a volta as nossas raízes originais, onde o diálogo, o respeito, o amor pelo próximo e principalmente mostrar o Reino de Deus de uma forma mais justa e sincera está se perdendo a cada dia.

John Wesley (1703 – 1791) que é considerado o pai do metodismo, se deparou várias vezes com pessoas de outras religiões onde fez aumentar a sua fé e responsabilidade para com o/a outro/a.

Em uma dessas situações escreveu no seu diário o seguinte:

4 de Abril de 1737, segunda-feira. Comecei a aprender espanhol, para poder *conversar* com os judeus que vivem na área de minha paróquia, alguns dos quais parecem estar mais próximos da mente que estava em Cristo do que muitos que a Ele chamam de Senhor.¹³

É muito interessante ver um homem que se preocupou com a religiosidade do outro. Não para entrar em conflito, mas, de entender a melhor forma de comunicar a sua realidade e modo de crer.

¹² Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa, versão 2.0a – Abril de 2007.

¹³ BHOGAL, Inderjit Singh; CUNHA, Magali do Nascimento. *Pluralismo e a missão da Igreja na atualidade*.

Tradução de Paulo Bessa da Silva, Ronaldo Sathler-Rosa; Colaboração de Sandra Duarte de Souza. São

Bernardo do Campo: EDITEO, 2007. p. 54.

Sabendo que não era só a dele (Anglicana) que estava localizada e exercia a função de falar de Deus e de salvação naquela cidade. Outros pensadores concordam que devemos ter cuidado com esses encontros para não ser induzidos ou seduzir alguém para a troca religiosa.

Mas, tenho observado através de leituras e palestras ao qual estou tento oportunidade de participar, que a verdadeira intenção não é conscientizar as pessoas trocarem a sua religião, mas, de perceber o que eles tem em comum com a minha prática religiosa e aquilo ao qual podemos caminhar junto.

Sem perder minha fé e crença daquilo que “eu” acredito ser verdade para minha vida e aquilo que seja verdade para o/a outro/a pessoa.

Como por exemplo, numa ajuda nas áreas sociais do nosso bairro ou cidade! Por que não? Já que observamos que algumas religiões ou crença fazem isso como ato de caridade e fazem parte da sua doutrina ajudar o próximo. Principalmente aqueles/as que estão nas classes mais baixa e de difícil situação.

Portanto, rigorosamente falando, percebo em Jesus Cristo um homem que nasceu e morreu judeu dialogando e procurando entender o que o/a outro/a tinha para Lhe ensinar e também para serem ensinados/as.

Já que Ele sempre valorizava o ser humano. E não o que ele/a tinham ou eram em todos os sentidos.

Como riquezas, bens pessoais, crenças e culturas. Igualmente entendemos que o ser humano podem escolher seus caminhos para aquilo que lhe agrada e lhe chama atenção.

Além disso, quando pensamos em *pluralismo* temos que analisar que ele possui três finalidades importantes que são:

1. Conviver com as pessoas das outras religiões;
2. Conhecer, de forma absoluta e relativa, os princípios das outras religiões e da própria;
3. E, como consequência, poder mudar, livremente, de sua religião para aquela outra que a pessoa acredite ser a melhor.¹⁴

¹⁴ VEIGA, Bernardo. É impossível o diálogo inter-religioso?: o pensamento de Bento XVI e a visão de Raimundo Lúlio sobre o diálogo inter-religioso. São Paulo: Instituto de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2009. p. 67.

Uma vez que, essas formas surgiram a partir do Concílio Vaticano II quando ficou claro que o/a indivíduo/a é livre para escolher e agir conforme a sua vontade. Deixando eles/as livres para escolher a sua religião. Observamos no pluralismo religioso uma forma de praticar a nossa religião.

Sendo tolerante e observando o que as outras religiões estão pensando e agindo para o bem estar dos seus membros e de certa forma para o bem estar do mundo.

Pois a convivência é com certeza a prática mais valiosa do diálogo religioso. Ainda mais, que não vejo na uniformidade, ou seja, regularidade no modo de agir, sentir, pensar e falar a melhor forma de mudar o mundo.

Pois, é através do diferente que pensamos o nosso modo de vida e aí refletimos sobre a cultura do dominador e do subalterno.¹⁵ Uma vez que a convivência é com certeza a prática mais valiosa do diálogo religioso.

Isto é, observamos então no pluralismo religioso uma forma de praticar a religião livre. Sendo tolerante e observando o que as outras religiões estão pensando e agindo para o bem estar dos seus membros e também da sociedade como já citado neste texto.

Por exemplo, em perspectiva ecumênica, vamos procurar entender uma cristologia onde a base é entender a pluralidade que nos cerca. Mesmo com crenças e práticas diferente de doutrina e fé.

Já que “a pluralidade dos caminhos que levam a Deus continua sendo um mistério que nos escapa”.¹⁶

Lembrando que as nossas orações não pode ser de exclusivismo. Sendo que o nosso compromisso transformador tem que ser diário e constante. Lutar pelos direitos sociais, políticos e pela igualdade é fundamental para todos/as os/as cristãos/ãs e também para os não cristãos/ãs.

Sabemos das dificuldades e problemas que enfrentamos quando falamos de uma teologia mais inclusiva do que exclusivistas. Uma teologia que lutou por direitos humanitários e abriu a mente das pessoas,

¹⁵ AMALADOSS, Michael. *Promover harmonia: vivendo em um mundo pluralista*. Tradução de Nelio Schneider. São Leopoldo: UNISINOS, 2006. p. 23.

¹⁶ TEIXEIRA, Faustino. *Ecumenismo e diálogo inter-religioso: a arte do possível*. Edição de Avelino Grassi, Márcio Fabri dos Anjos. Aparecida: Santuário, 2008. p. 16.

ao olhar, julgar e agir todos/as junto num propósito libertadora. Onde as orações e as ações são fundamentais.

Ter sentimento pelo o/a outro/a é importante numa teologia como o movimento ecumênico e pluralista acredita que é apelo à unidade de todos os povos contida na mensagem do Evangelho. Que ao olhar para o mundo com os olhos de misericórdia e compaixão para todos/as aqueles/as que sofrem e que precisam ser alvo da nossa missão que é “salvar” vidas.

Já que hoje, o Brasil está passando por um processo de libertação e conhecimento muito grande.

Ou seja, aquilo que durante muitos anos foi pregado e ensinado para os/as brasileiros/as eles/as hoje tem a oportunidade de escolher e achar o que é melhor para cada um/a.

Fazendo assim que cada um/a vai para uma religião que lhe agrada e lhe chama atenção na sua forma de agir e pensar. Isto é, a “cabeça pensa onde os pés pisam”.

Uma vez que neste estudo, somos desafiados a olhar e observar o que “essas teologias e pensamentos religiosos” tem de melhor na sua espiritualidade de vida e na ação comunitária junto ao diferente.

É interessante observar que quase todas as religiões pensam e agem para o bem do próximo, e se preocupam com a espiritualidade dos/as outros/as também. E que nem todas se preocupam com o tema *salvação*, pois o que importa para eles/as é o viver nesta terra e viver bem consigo mesmo e com o próximo.

Schleiermacher, Friedrich (1768-1834) Teólogo protestante (...). De acordo com ele, o cristianismo é a religião mais elevada, mas, como esse sentimento pode assumir diversas formas religiosas individuais e culturais, pode não ser a única religião verdadeira.¹⁷

Por isso, não creio que o poder de Deus deseja limitar a salvação para alguns somente. Continuo achando que o grande desejo de Deus é uma salvação universal e ampla para todos e todas. Onde que no decorrer dessa pesquisa, observei que vários autores e pesquisadores

¹⁷ GRENZ, Stanley J.; GURETZKI, David; NORDLING, Cherith Fee. *Dicionário de teologia: edição de bolso: mais de 300 conceitos teológicos definidos de forma clara e concisa*. Tradução de Josué Ribeiro. São Paulo: Vida, 2001. p. 122.

acreditam e entendem que outras religiões também agem como forma de salvação e cuidado com o próximo. E só consegue entender isso verdadeiramente aquele e aquela que não tem medo de se aproximar e conversar com aqueles e aquelas que pensam diferentes.

Roger Haight explicou que:

Teólogos e teólogas cristãos são, cada vez mais, chamados a dirigir a palavra ao mundo além do cristianismo com base na premissa de que se dirigirão aos membros pensantes de sua própria Igreja somente na medida em que conseguirem entrar em contato com as pessoas que estão do lado de fora dela.¹⁸

Volto a dizer que o diálogo é fundamental para uma aproximação mais justa e confortável quando pensamos na religião do/a outro/a.

Deus se revela através dessas diversidades que encontramos todos os dias e momentos nas ruas e esquinas das nossas cidades.

A salvação significa a superação cotidiana dos diversos obstáculos do caminho pela graça divina, sobretudo o encontro, agora e para sempre, com aquele que é capaz – ele e só ele – de preencher plenamente o coração do homem: Deus. Por isso, o homem religioso encontra-se sempre em contato com Deus, de quem lhe vem à salvação e do qual deve vir um dia a salvação definitiva.¹⁹

Vitor Galdino Feller da mesma forma comenta o seguinte:

O anúncio do significado salvífico de Jesus Cristo deve garantir sua centralidade e referência nos diferentes níveis e práticas de diálogo que os cristãos estabelecem com líderes e membros de outras religiões. O abandono ou o simples menosprezo deste princípio básico da fé cristã estaria a demonstrar dupla traição: da vivência de nossa própria fé do respeito àqueles que crêem de modo diverso de nós. Nenhum cristão poderá, sob pena de falsear o Evangelho recebido, deixar de lado esta verdade.²⁰

¹⁸ HAIGHT, Roger. Jesus, símbolo de Deus. Tradução de Jonas Pereira dos Santos. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 186.

¹⁹ IDIGORAS, J. L. *Vocabulario teológico para a America Latina*. São Paulo: Paulinas, 1983. p. 445.

²⁰ FELLER, Vitor Galdino. *O sentido da salvação: Jesus e as religiões*. São Paulo: Paulus, 2005. p. 211.

Sendo assim, não quero desencorajar ninguém a parar de falar de *salvação*. Mas de resgatar um princípio deixado por Jesus que é o nosso serviço em prol do outro/a.

E para entender melhor essa palavra *serviço*, vamos então à *mesa* que já foi citado neste trabalho e nos faz refletir o seguinte: *Mesa* para nós na verdade representa *salvação*. E essa *salvação* está ligada a *serviço*. A mesa para nós *metodista* está no centro do Altar para fixar isso em nossa memória e também no nosso coração, uma vez que a *salvação* em todas as áreas na vida do ser humana (física, espiritual e financeira) são atos e processos pelo qual Deus livra a pessoa da culpa e do poder do pecado e a introduz numa vida nova, cheia de bênçãos espirituais, por meio de Cristo Jesus.²¹

A pesquisa sobre esse assunto me fez resgatar princípios cristãos que acabam ao passar do tempo sendo esquecidos. E quando voltamos a ser impactados/as a nunca se esquecer desse momento *memorável* que Jesus nos deixou. Ficando assim, pasmos/as, ou seja, surpresos/as de algo que não podemos nos esquecer de e que é um princípio cristão que todos/as fazem parte desse grande *banquete celestial*.

Já que mesa ou o grande banquete lembra o seguinte:

A Mesa do Senhor implica em pessoas chamadas e, em seguida, comissionadas por Deus. A Mesa do Senhor é, assim, uma atualização, uma rememoração do nosso chamado, da Missão. E é pela Missão e através dela que Cristo se faz presente. A Missão é, pois, lugar de unidade, de fortalecimento, de serviço, de doação. A Mesa do Senhor não é, portanto, um convite para nos separarmos das pessoas e do povo ao qual somos chamados a servir, a evangelizar. Na verdade, a Mesa do Senhor é um comissionamento sob a graça de Deus: "Agora, ide a todo mundo e pregai o Evangelho!".²²

Procuro fazer um convite e analisar tudo aquilo que tem nos afastado de Deus e daqueles e daquelas que pensam e age diferente de nós. Reconhecer que fazendo parte desse *memorial da mesa* estamos renovando a *nossa aliança com Deus e Jesus* que através dessa aliança,

²¹ KASCHEL, W., ZIMMER, R., & Sociedade Bíblica do Brasil. 1999; 2005. *Dicionário da Bíblia de Almeida 2ª ed.* Sociedade Bíblica do Brasil.

²² Disponível em: < <http://www.metodista-rio.org.br> > Acesso em 06 de outubro.

de uma *salvação* mais ampla e obedecendo assim, tudo aquilo que Ele nos mandou fazer que fosse *servir e salvar vidas*.

Uma vez que, somos convidados a lembrar de que *diante de Deus e diante de Jesus* que somos todos/as iguais. Uma vez que somos um grande *altar de comunhão* ²³ não só dentro das Igrejas, mas fora dela também onde o nosso testemunho é melhor observado.

CONCLUSÃO

O caminho percorrido até aqui nos deu suporte para estabelecer e procurar dialogar sempre. Falar de *salvação* é entender que o Amor de Deus é incompreensível aos olhos e ao entendimento humano.

Muitas vezes, queremos nos colocar na posição de Deus e evangelizamos de uma maneira errada. Entendo que o nosso caráter pessoal e o nosso comportamento com o/a outro/a, demonstra demais a forma ao qual nos olhamos uns para os/as outros/as.

Como expliquei no início desse trabalho, o objetivo dessa pesquisa não é desvalorizar todo o esforço de Jesus por nós. Mas, assim como o próprio Jesus se deixou moldar através de encontros pelo caminho e mudou sua forma de agir e pensar sobre a *salvação* por inteiro, ou seja, para toda humanidade. Somos convidados a moldar também o nosso caráter neste sentido.

Aprendi e entendo hoje que verdadeiramente que a fonte da Salvação não é igreja e sim Deus... Se acabar a igreja, vai acabar a salvação? Não. A fonte de salvação é de Deus, pois a fonte é Deus e essa fonte não seca. O Amor de Deus pode salvar todas as pessoas.

A experiência se dá pela resposta humana. Creio que Deus nos ama de tal forma que Ele permite e nos dá a liberdade de Ama-lo ou não. Uma vez que, partimos que a *salvação* é para todos/as, mas a resposta vem sempre do homem ou da mulher de aceitar esse convite ou não.

Na disciplina acadêmica *Missão, Evangelização e Práticas educativas na pastoral*, aplicada por Nicanor Lopes, ele nos chamou atenção para o seguinte fato: “*O amor de Deus não é privatizado (...). Ainda na nossa mente, a igreja é o cartório de Deus para dizer quem está dentro e quem está fora*”.

²³ Disponível em: < <http://www.metodistavilaisabel.org.br> > - Acesso em 06 de outubro.

Portanto, *salvação* pode-se entender que parte de Deus para a humanidade e não de homens para com Deus. Outro exemplo maravilhoso que podemos observar é a *salvação* conforme o texto bíblico nos relata em Lucas 23. 39 – 43 que diz o seguinte sobre os dois malfetores:

Um dos malfetores crucificados blasfemava contra ele, dizendo: Não és tu o Cristo? Salva-te a ti mesmo e a nós também. Respondendo-lhe, porém, o outro, repreendeu-o, dizendo: Nem ao menos temes a Deus, estando sob igual sentença? Nós, na verdade, com justiça, porque recebemos o castigo que os nossos atos merecem; mas este nenhum mal fez. E acrescentou: Jesus, lembra-te de mim quando vieres no teu reino. Jesus lhe respondeu: Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso.²⁴

Esse é um texto bíblico que deixam vários questionamentos como, por exemplo, Um homem que teve dificuldade de se livrar do velho hábito e continuou com o seu orgulho e o outro que reconheceu que durante toda a sua vida ou quase toda, reconheceu o chamado e todo esforço de Jesus naquela terra. Defendeu Jesus e exortou seu companheiro explicando que eles tinham culpa por está naquela situação. Mas, Jesus não.

Essa cena me faz lembrar que às vezes é complicado sair de velhos hábitos e comportamento. Tudo aquilo que aprendemos e entendemos é a nossa verdade e dificilmente queremos mudar por não saber como dar um passo em direção contrária de tudo que foi ensinado e quase sempre imposto pelo outro.

Nossa pesquisa, mesmo entre tantos dados e informações sobre *salvação* não pretendeu esgotar o discurso e pensamentos sobre ele e muito menos desvalorizar todo esforço de Jesus na terra em prol do Reino de Deus e o Seu amor para com o próximo. Mas, creio que abriu entendimento numa visão mais plural e global da *salvação*.

Crendo assim, num mundo mais justo e crendo num papel cristão e humanista. Onde aprendemos ideias, reconstruímos e desconstruímos outras informações sobre esse tema que é tão amplo e complexo. Já que entendemos que o pluralismo religioso é uma realidade nos nossos

²⁴ Sociedade Bíblica do Brasil. 2003; 2005. *Almeida Revista e Atualizada - Com Números de Strong*. Sociedade Bíblica do Brasil

dias e é impossível não reconhecer a sua importância no mundo globalizado de hoje. Essa pesquisa tentou nas suas formas sinalizar o Reino de Deus no mundo e colocar o ser humano como um instrumento de total importância para um bom funcionamento de paz, justiça e serviço neste mundo.

REFERÊNCIAS

- AMALADOSS, Michael. *Promover harmonia: vivendo em um mundo pluralista*. Tradução de Nelio Schneider. São Leopoldo: UNISINOS, 2006. 231 p.
- BHOGAL, Inderjit Singh; CUNHA, Magali do Nascimento. *Pluralismo e a missão da Igreja na atualidade*. Tradução de Paulo Bessa da Silva, Ronaldo Sathler - Rosa; Colaboração de Sandra Duarte de Souza. São Bernardo do Campo: EDITEO, 2007. 120 p.
- BORTOLLETO FILHO, Fernando (Org.). *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008. 1048 p.
- Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa, versão 2.0a – Abril de 2007.
- DICIONÁRIO teológico: *o Deus cristão*. Tradução de I.F.L. Ferreira; Direção de Xabier Pikaza, Nereo Silanes. São Paulo: Paulus, 1998. 965 p.
- DUPUIS, Jacques. *O cristianismo e as religiões: do desencontro ao encontro*. Tradução de Orlando Soares Moreira. São Paulo: Loyola, 2004. 326 p.
- FELLER, Vitor Galdino. *O sentido da salvação: Jesus e as religiões*. São Paulo: Paulus, 2005. 217 p.
- GONZALEZ, Justo L. *Breve dicionário de teologia*. Tradução de Silvana Perrella Brito. São Paulo: Hagnos, 2009. 339 p.
- GRENZ, Stanley J.; GURETZKI, David; NORDLING, Cherith Fee. *Dicionário de teologia: edição de bolso: mais de 300 conceitos teológicos definidos de forma clara e concisa*. Tradução de Josué Ribeiro. São Paulo: Vida, 2001. 142 p.
- HAIGHT, Roger. *Jesus, símbolo de Deus*. Tradução de Jonas Pereira dos Santos. São Paulo: Paulinas, 2003. 575 p.
- HAIGHT, Roger. *O futuro da cristologia*. Tradução de Luis Marcos Sander. São Paulo: Paulinas, 2008. 198 p.
- HARRIS, R. Laird (Org.). *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. Tradução de Marcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1998. 1789 p.
- IDIGORAS, J. L. *Vocabulario teologico para a America Latina*. São Paulo: Paulinas, 1983. 564 p.

INSTITUTO ANTONIO HOUAISS. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 2922 p.

LOSSKY, Nicholas, BONINO, Jose Miguez, POBEE, John, STRANSKY, Tom F., WAINWRIGHT, Geoffrey, WEBB, Pauline. *Dicionário do movimento ecumênico*. Tradução de Jaime Clasen. Petrópolis: Vozes, 2005. 1167 p.

PAES, Carlito. *Igreja Brasileira com Propósitos: a explicação prática que faltava*. São Paulo: Editora Vida, 2012. 280 p.

KASCHEL, W., ZIMMER, R., & Sociedade Bíblica do Brasil. 1999; 2005. *Dicionário da Bíblia de Almeida* 2. ed. Sociedade Bíblica do Brasil.

KNITTER, Paul F. *Jesus e os outros nomes: missão cristã e responsabilidade global*. Tradução de Leszek Lech. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2010. 224 p.

RENDERS, Helmut (Org.) et al. *Passos para uma teologia wesleyana brasileira*. José Carlos de Souza. São Bernardo do Campo: EDITEO, 2007. 176 p.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira; SOUZA, Daniel Santos. *A teologia das religiões em foco: um guia para os visionários*. São Paulo: Paulinas, 2012. 272 p.

SEGUNDO, Juan Luis. *O dogma que liberta: fé, revelação e magistério dogmático*. Tradução de Magda Furtado de Queiroz. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2000. 441 p.

SEGUNDO, Juan Luis. *Que mundo? Que homem? Que Deus?: aproximações entre ciência, filosofia e teologia*. São Paulo: Paulinas, 1995. 581 p.

STRONG, J. & Sociedade Bíblica do Brasil. 2002; 2005. *Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*. Sociedade Bíblica do Brasil.

TEIXEIRA, Faustino (Org.). *O diálogo inter-religioso como afirmação da vida*. São Paulo: Paulinas, 1997. 155 p.

TEIXEIRA, Faustino. *Ecumenismo e diálogo inter-religioso: a arte do possível*. Edição de Avelino Grassi, Márcio Fabri dos Anjos. Aparecida: Santuário, 2008. 221 p.

VEIGA, Bernardo. *É impossível o diálogo inter-religioso?: o pensamento de Bento XVI e a Visão de Raimundo Lúlio sobre o diálogo inter-religioso*. São Paulo: Instituto de Filosofia e Ciência "Raimundo Lúlio" (Ramon Llull), 2009. 97 p.

VILANOVA, Evangelista. *Para compreender a teologia*. São Paulo: Paulinas, 1998. 218 p.

Sites Disponível em: < <http://contribuicoes.blogspot.com.br> > . Acesso em: 5 out. 2013.

Disponível em: < <http://fratresinunum.com> > . Acesso em: 26 mar. 2012.

Disponível em: < [Http://fteixeira-dialogos.blogspot.com.br](http://fteixeira-dialogos.blogspot.com.br) > . Acesso em: 20 fev. 2013.

Disponível em: < <http://sandraborbapereira.blogspot.com.br> > . Acesso em: 27 fev. 2013.

Disponível em: < <http://www.metodista-rio.org.br> > . Acesso em: 6 out. de 2013.

Disponível em: < <http://www.metodistavilaisabel.org.br> > . Acesso em: 6 out. de 2013.

Disponível em: < <http://www.ihu.unisinos.br> > . Acesso em: 5 mar. 2013.

Disponível em: < <http://www.ihuonline.unisinos.br> > . Acesso em: 1 mar. 2013.

Disponível em: < <http://www.tiagoluchini.eu> > . Acesso em: 21 ago. 2013.

Disponível em: < www.dicionarioinformal.com.br > . Acesso em: 25 mar. 2013.